

**ST10. EPISTEMOLOGIA, HISTORIOGRAFIA & LINGUAGENS**

625

FUTURO E PRESENTE: TEMPO E ESPAÇO NA ESCRITA DE MANOEL DANTAS

José Marcus Guedes de Araújo¹
Joel Carlos de Souza Andrade²

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo principal realizar uma discussão sobre as noções de temporalidade a partir da análise das obras "Homens de Outrora" (1941) e "Natal daqui a 50 Anos" (1909), do publicista Manoel Gomes de Medeiros Dantas (1867-1924). Construindo uma conexão teórica entre as obras mencionadas, buscaremos neste trabalho discutir como Manoel Dantas constrói, em sua escrita, o tempo enquanto um agente histórico, capaz de moldar o homem e o espaço, sob a égide ação do progresso. Dantas, enquanto um membro da geração que, entre fins do século XIX e inícios do XX, vislumbrou novas perspectiva para o Brasil pautadas pelas noções de ciência, progresso e evolução, e que terá o Seridó potiguar como locus principal de suas reflexões. Neste sentido, é nossa intenção, sem perder de vista o conjunto maior de sua produção, fazer uma abordagem que privilegie analisar as noções de temporalidade e suas conexões na construção dos espaços na escrita do intelectual seridoense.

Palavras-chave: Conceito. Tempo. Escrita. Noções de Temporalidade.

O conceito de *tempo* parece nascer junto com a própria ideia de História, mesmo com as mudanças, a institucionalização, a cientifização do conhecimento e da produção do conhecimento histórico (REIS, 1994) transformando-se em um saber específico, ganhando o seu próprio lugar de escrita e prática.

É sob a luz dessa ligação entre o *tempo* e a história, que buscamos na escrita de Manoel Dantas a construção de um dado conceito de *tempo*, almejando perceber como o autor exercita suas noções de temporalidade na edificação de espaços e na modelagem de seu arquétipo de homem, constituindo, dessa forma, o seu discurso histórico.

Nessa perspectiva, o propósito de analisar as noções de *temporalidade* praticadas nas obras de Manoel Dantas constitui uma tarefa difícil, mas que tem em sua

¹ Graduando – História Licenciatura/CERES/UFRN e atualmente bolsista de Monitoria do projeto "Atelier Histórico: evitando a evasão e a retenção em Teorias da História". E-mail: josemarcusguedes@gmail.com;

² Mestre em História e professor do DHC/CERES/UFRN e coordenador do referido Projeto de Pesquisa.

dificuldade todo o peso de sua importância. Pensar o conceito de tempo é, ao mesmo tempo, pensar em como Dantas fez uso de sua prática na escrita. Exercitar tal concepção é criar margem para a reflexão sobre os objetivos, as projeções e os fins notados nas obras "Homens de Outrora" (1941) e "Natal daqui a 50 Anos" (1909), na medida em que as suas ideias estavam em consonância com as problemáticas de sua época.

Por sua época, entenda-se aqui o período de formação acadêmica e de amadurecimento intelectual, em fins do século XIX, conhecido como o "século da História", o período de grandes criações e inovações tecnológicas, bem como teóricas, como o darwinismo e o positivismo, sendo também, o século da institucionalização dos conhecimentos, das ditas Ciências Humanas, contexto em que "a História" se firmava no seu lugar acadêmico, dentro do quadro das ditas Ciências, tomando como fundamento metodológico os saberes das Ciências Naturais.

Nesta orientação, nossa discussão fundamenta-se nas pesquisas de Reinhart Koselleck, quando este se debruça sobre os conceitos presentes nas produções historiográficas, sobretudo os conceitos de *associação* e *contexto*.

É fundamental refletir sobre a importância dessas ideias, uma vez que todo "conceito articula-se a um certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível" (KOSELLECK, 1992, p. 3). Noutras palavras, os conceitos devem ser analisados em seus meios, sejam de produção, sejam de prática, para que seus significados também estejam nos "lugares certos".

Nesse contexto do século XIX, que estamos reconstruindo, desenvolvia-se nos saberes e nas práticas historiográficas o positivismo, concepção que fundamentava-se em outra grande teoria, o darwinismo do qual compactuava Dantas. Da mesma maneira que outros filhos de coronéis seridoenses do período, Manoel Dantas migrou do Seridó e formou-se em Direito, em Recife, formação que permitiu ao intelectual ter contato com as teorias científicas mencionadas.

Descendente de Tomaz de Araújo Pereira, um dos antigos colonizadores das Ribeiras do Seridó e filho do coronel Manoel Maria de Nascimento Silva com a senhora Maria Miquelina Francisca de Medeiros, Dantas graduou-se em Direito em 1890, tendo exercido os cargos de sócio fundador e orador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, de 1916 até 1924.

Tal ligação biológica permitiu o desenvolvimento das diretrizes germinais para o direcionamento intelectual do erudito, uma vez que na região do "Seridó, no final do século XIX, tornou-se costume entre os fazendeiros caicoenses mandar seus filhos estudarem no Recife e na Bahia, os cursos de Direito e Medicina respectivamente" (NASCIMENTO, 2012, p.18).

Formado em Direito ainda no século XIX, Manoel Dantas ocupou *lugares*, na perspectiva de Michel de Certeau (2011), privilegiados, construído a partir dessas ocupações uma fala de autoridade, uma representação importante em seu tempo de vida, e posteriormente para a historiografia.

Atuou como professor no Colégio Ateneu, nas aulas de Geografia e ainda exerceu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública Estadual, entre 1897 a 1905. Exerceu, também, o cargo de Juiz e Promotor Público em 1891, nas cidades de Jardim de Seridó e Acari, respectivamente, segundo Maria José de Medeiros Nascimento

(2012). Em vida, o historiador erudito experienciou também as funções de sócio-fundador e orador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, desde 1916 até 1924, ano de sua morte.

Nesse sentido, “Manoel Dantas foi jornalista, poeta promotor, juiz, professor, geógrafo, precursor dos estudos de folclore do Estado do Rio Grande do Norte, e ainda, de acordo com a revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, foi também ‘historiador’” (NASCIMENTO, 2012, p.25). Em seu tempo, Dantas construiu um *lugar de fala* de suma importância, reforçando seu prestígio para os estudos de seu tempo e póstumos.

A ligação do sujeito com as instituições em que foi membro proporcionou estabilidade social para seus pensamentos, seus ensinamentos, sendo também as instituições sociais lugares de prática para o desenvolvimento de uma linguagem científica, fazendo de sua escrita uma forma de tradução *científica* de seus desejos, de suas projeções temporais, como agente de suas expectativas.

Fazendo uso das propriedades intelectuais do historiador Muirakytan K. de Macêdo (2012), é notável na trajetória de Manoel Dantas as influências do positivismo, e de uma formação amparada no ideário evolucionista. Formado na Faculdade do Recife em Direito, em 1890, maior centro irradiador das teorias evolucionistas no que seria hoje o Nordeste, Dantas era um convicto adepto do evolucionismo histórico e social, e fazia de seus escritos lições para que o sertanejo superasse seus problemas, o seu caráter, nas lentes do autor, o caráter de um homem atrasado, de tempos passados.

Nas discussões realizadas por Macêdo (2012), Manoel Dantas constrói várias teses, lições para que o homem do Sertão, o sertanejo, superasse o atraso do seu *ser*, seja por meio da Educação, da Memória, do Trabalho, em vários segmentos, a *lição é o caminho* para o progresso.

A dimensão humana em que orbita era a sufocante esfera do trabalho. Preso somente a esse domínio, o sertanejo não se realizava enquanto ser social e político. Vivia arraigado a um mundo unilateral que desconfia das mudanças e das novidades. Enfim, não conseguia apreender que o destino humano era o desenvolvimento (MACÊDO, 2012, p.168).

No âmbito duma análise mais abrangente, Macêdo toma como fonte para construir seus escritos sobre Manoel Dantas seus artigos publicados no jornal seridoense, *O Povo*. Diferente de tal autor, fizemos uso apenas de seus artigos *Homens de Outrora* (1941) e *Natal daqui a 50 Anos* (1909), sendo fundamental atentarmos para o *lugar temporal* (CERTEAU, 2011) da escrita de cada obra, bem como as diferenças entre os espaços trabalhados em cada uma. Enquanto no primeiro artigo é o Sertão, o Seridó, interior do Rio Grande do Norte, o espaço privilegiado na escrita do publicista, no segundo trabalho as discussões voltam-se, grosso modo, para noções de espaço sobre Natal.

A partir destes produtos e tomando como norte o conceito de Tempo, conseguimos filtrar vários usos, vários sentidos e significados para tal conceito, que extrapolam um evolucionismo excludente, que mesmo não os tomando como exemplo,

os homens de outrora, Dantas fez uso do tempo para, por vezes, honra-los, na medida em que também os desconstrói, bem como, os compara aos europeus, ainda fazendo deles subalternos do Tempo, sujeito de sua obra.

Tempo é sujeito, porque “não é uma coisa irrealizável; é uma afirmação que só depende do tempo e não está à mercê de competências possíveis, porque os acidentes geográficos não se mudam, os portos de mar não se estabelecem artificialmente. [...]” (DANTAS, 1941, p.152).

Na escrita de Dantas, o tempo, conceito fundamental para este artigo, junto ao de espaço, é o sujeito principal, cabe a ele ação de transformação, de mudança, seja por meio da técnica, do planejamento, dentro dos vieses do progresso, nos moldes da civilização, é com o tempo que os espaços são/serão transformados, tal como os homens.

É nesta linha tênue entre tempo e espaço, que a Natal de 1959 projetada por Dantas é um espaço lapidado pelo tempo. Desenhada e planejada por meio técnica, representada com o glamour europeu e tecnicidade norte-americana, nas aspirações deste, a capital do norte rio-grandense seria tal como Londres, edificada sob os ideais de progresso e civilização, permeada pela técnica, constituindo-se um espaço moderno, fazendo jus aos ideais republicados do projetista.

Futuro e presente se unem nas projeções de Manoel Dantas, na ação do *tempo* como molde para o espaço imaginado de Natal. Numa ligação linguística e conceitual problemática, Natal em 1909 seria, segundo as visões daquele, nos tempos de 1959 tal como Londres no tempo em que o autor publicara o artigo. No futuro do subjuntivo:

Eis porque escolhi o Perigo Iminente que, em 1959, será um dos pontos mais atraentes da cidade, com seus cassinos e hotéis monumentais coroados de altos terraços onde os aeroplanos vêm aterrizar; as estações de estrada de ferro aérea que corre pela crista dos morros até Guarapes, despertando sensações e belezas estranhas; as escadeiras de mármore e de granito descendo para o mar e para a planície sob arcadas graciosas de folhagens variegadas, onde canta diariamente a passarada; as casas de campo dependuradas das encostas como ninhos: um misto de progresso e de poesia: a harmonia das coisas; o consórcio do passado e do futuro: jardins suspenso, salpintados das mais belas flores tropicais, evoluindo perfumes para o céu; cenário brilhante, onde, de vez em quando, realiza-se o baile [...] (DANTAS, 1909, p. 67).

Nesse intenso diálogo conceitual (tempo e espaço), considerado um “historiador” em vida, posteriormente repensado como historiador erudito, pela historiografia regional. Pensamos na produção do conhecimento histórico de Manoel Dantas como uma ligação entre o lugar “(recrutamento, um meio, uma profissão etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura).” (CERTEAU, 2011, p. 46), e em “Natal daqui a 50 Anos” Dantas *escreve o espaço natural* como uma criação de Deus (DANTAS, 2000, p.65), não sendo necessário idade para apreciá-lo, mas, de tempo para modificá-lo com o uso da técnica.

Em sua visão do futuro, cinquenta anos seriam necessário para transformar os espaços de Natal em lugares modernos, com os atributos que lhes são característicos à modernidade novecentista. Perigo Iminente pode ser tomando como exemplo. Contemporâneo a escrita do erudito, no ano de 1909, o morro Perigo Eminente, situado em frente à Cidade Nova, espalhava “areias sobre as ruas como um vasto lençol tenebroso e mortífero” (DANTAS, 1909, p. 67), sendo após a progressão temporal do dito historiador, “um misto de progresso e de poesia.”

Se o espaço moderno, modernizado, é imaginado e desejado, o homem também o é. O planejamento, a transformação por meio da técnica, o progresso inscrito no espaço, também marcará o arquétipo de homem que Dantas busca construir a partir de suas lições, esse homem locado no Seridó, objeto de reflexão do outro, tem que deixar de ser o homem de antes, e só o tempo fará deste um homem de seu tempo, tempo do progresso.

Construídos sob os moldes do tempo, os *homens de outrora* são moldados por citações e noções explícitas de temporalidades, mas, o tempo também pode ser lido e tornando inteligível quando fazemos da semântica uma ferramenta de nossa análise.

Associações, conceito tão mencionado no início desse texto, são mecanismos para se identificar as noções de tempo e fazê-las úteis na construção de nossa percepção, pois “[...] associações pressupõem um mínimo de sentido comum (minimal Bedeutungsgehalt), uma pré-aceitação de que se trata de palavras importantes e significativas.” (KOSELLECK, 1992, p. 2), em outros termos, não podemos desligar certas noções de *tempo* de outras concepções, conceitos, vigentes no período, como por exemplo, *progresso, evolução, civilização*.

“O sertanejo, antigamente, apesar da simplicidade da vida do campo, quase nada ficava a dever aos outros povos no tocante aos hábitos de boa sociedade” (DANTAS, 1941, p.18), o sertanejo era simples, vivia no espaço rural, mas, não ficava atrás dos sujeitos de *boa sociedade*, membros de uma organização mais complexa, em que, o adjetivo “boa” enaltece ainda mais aquilo que já é complexo para um darwinista social, uma sociedade, questões também discutidas, em suas particularidades, por Muirakytan K. de Macêdo (2012).

Antigamente, o sertanejo de antigamente, de tempos remotos, sertanejo de outrora, era simples... A noção de temporalidade é clara, bem como a associação dela ao remoto, ao distante, no sentido de linearidade, de um tempo evolutivo, de um tempo em que, as questões são de tempo.

“A força do tempo vai depois polindo a figura dos protagonistas desses movimentos e sagrando heróis da liberdade os que neles preponderam.” (DANTAS, 1941, p. 68), além de moldar aqueles que vão sendo lembrados, os protagonistas, e sangrando os heróis, aqueles que lutaram pelo vigente, pela República, pela “*democracia*”, regime da *época, do tempo* de Manoel Dantas, do tempo em que, a República é o desejado, é a pátria amada, é a Ordem, é o Progresso, é a: *Ordem e Progresso*.

Tempos de secas. Tempos de preocupação, em *Homens de Outrora* (1941), o tempo não é só de ancestralidade “simples”, ou de heróis a serem sangrados, o tempo surge aos olhos do leitor ligado, *associado*, ao futuro, otimista. Futuro de solução, em

que o poder público, republicano, participativo, a *moda* positivista (com fortes tendências), irá resolver, *talvez*, isso ocorra. “Não estará longe, talvez, o *dia* em que os poderes públicos ou a iniciativa individual tomem a peito resolver esse problema, aliás de fácil solução [...]” (DANTAS, 1941, p. 111).

A ligação com o progresso, tão mencionado e citado Progresso, fica clara quando essa ideia liga-se ao *tempo*, bem como a ideia de Evolução, de linearidade do processo temporal, tomando o inglês como molde, não só inglês, mas a Inglaterra, as dificuldades da região e a construção do progresso de sua nação. “Havia de esperar que o tempo, as necessidades do progresso, e talvez as modificações que elementos novos tragam à nossa raça, obriguem-nos a fazer o que os ingleses já fizeram.” (DANTAS, 1941, p. 113).

O progresso é inevitável, o tempo é agente, as questões são de tempo, o tempo pode modificar a *raça*, pode fazer com que o sertanejo deixe de ser o sertanejo de outrora, de tempos remotos, pode fazer com que o charuto (DANTAS, 1941, p. 20) não seja devorado como doce, com o sentido de. Devorado porque na concepção do sertanejo, tratava-se de alimento *tradicional*.

Destaca-se, associado ao Tempo, a Educação, que poderia fazer do tempo relativo, na medida em que o Padre Guerra — personagem citado em um dos ensaios da obra escolhida de Dantas — é um homem de *saber*, conhecedor do Latim, fundador da primeira e única escola de Latim de/em Caicó (1811). Enquanto seus convidados, desconhecedores dos saberes eruditos, eram os sujeitos que desconheciam o progresso, o processo de fabricação dos charutos, as utilidades destes, o valor simbólico, porque, estavam presos na rotina, no tempo de seus antepassados, repetidores dos mesmos comportamentos. (MACÊDO, 2012, p. 164).

Na repetição, não haveria espaço para o novo, e o novo, que tem pouco tempo de existência, é a República no Brasil, o novo é progresso que está no cerne das discussões políticas no âmbito nacional, no quadro mundial. O novo, é a Tecnologia, a Técnica, o novo é o oposto do velho, aos homens antigos, do passado, distante de tais inovações, da *evolução* e os reminiscentes destes, os sertanejos, fazem da rotina um elo de ligação com esses *homens de outrora*, prendendo-se no passado a partir da prática da não aceitação do novo, como discute Macêdo (2012).

Por fim, na conclusão deste texto, não das discussões intelectuais de tais ideias, o que buscamos “é o precisamente o começo e o fim de toda a história. Se não há problema, não há história. Apenas narrações, compilações.” (FEBVRE, 1989, p. 31).

No cunho de nossa prática historiográfica, buscamos fazer do conceito de Tempo, das noções de temporalidade, uma ferramenta para entendermos a construção (CERTEAU, 2011) do produto de Manoel Dantas, além das articulações, da estruturação, da semântica, das ligações, associações de conceitos, buscamos também entender o *sentido* dado uso na temporalidade da sua obra.

Na finalidade dessas linhas, Manoel Dantas fez uso do Tempo, das noções e das associações ligadas ao *tempo*, para construir uma lição, uma “via”, uma produção intelectual que apontasse numa direção, na direção do progresso, para que, os homens do passado, fossem lembrados, mas que, seus descendentes não permanecessem tais como eles, haja visto, os tempos já não são os mesmos e as possibilidades são maiores,

sobretudo quando pensamos na busca de Manoel Dantas em apontar uma saída para os problemas das secas.

Nos tempos de publicação desse trabalho, “Natal daqui a 50 Anos” (1909), Manoel Dantas orgulhava-se de poder estar em uma cidade, de se sentir pertencente à um centro urbano, em que era residente, em que, o Progresso era presente. Manoel Dantas orgulhava-se de estar ligado ao seu tempo, às novas ideias, às ideias de Progresso, Evolução, grandeza. Além de orgulho, este buscava fazer com que o sertanejo pudesse chegar e *seguir* os mesmos *passos*, tendo como fim, o deixar de ser sertanejo, atrasado, e aderir as ideias e as práticas dos novos tempos.

“Nesses tempos porvindouros, quando a cidade –berço de meus filhos, onde creio que para sempre elegi meu domicílio, – empunhar orgulhosamente o cetro da grandeza e do progresso, alenta-me a esperança que de meus antepassados –terá atingindo esse grão de prosperidade e bem estar que as secas não destruirão.” (DANTAS, 1941, p. 153)

O que buscamos com a escrita deste artigo é traçar algumas direções para se pensar no uso das noções *tempo* e *espaço* feitos por Manoel Dantas, desse modo, o que pretendemos é criar caminhos para outras reflexões posteriores, aja visto que o conhecimento histórico não pode ser entendido com pronto e acabado, mas como um processo dialético de gestação e geração de saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p. 45-108.

DANTAS, Manoel. Homens de outrora. In: _____. **Homens de outrora**. Rio de Janeiro. Ed. Irmãos Pongetti. 1941. p. 05-159.

DANTAS, Manoel. Natal daqui a 50 anos. In: LIMA, Pedro. **O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas**. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2000. p. 55-79.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 28- 41.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos**: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.

MACÊDO, M. Kennedy de. Espaço da superação. In: _____. **A penúltima versão do Seridó**: uma história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDUFRN. 2012. p. 145-171.

NASCIMENTO, Maria José de Medeiros. **Manoel Dantas**: entre a escrita e a reescrita da história. Caicó, 2012. 62.p.

REIS, José Carlos. Tempo e Terror: estratégias de evasão. In: _____. **Tempo, história e evasão**. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 141-164.